

*Projecto
Educativo*

2010 - 2013



ENSINAR
E
APRENDER
COM
QUALIDADE

“A educação exige os maiores cuidados, porque influi sobre toda a vida”.

Sêneca

Índice	pág.
Introdução	3
I – Caracterização da Escola	5
1. O meio: Linda-a-Velha, uma freguesia do concelho de Oeiras	5
2. Instalações da Escola	6
3. Oferta Educativa	7
4. Composição da Comunidade Escolar	8
4.1 Os alunos	8
4.2 Os Professores e os Técnicos Especializados	10
4.3 Os Assistentes Técnicos e os Assistentes Operacionais	12
4.4 Os Pais e Encarregados de Educação	14
5. Organização e Gestão da Escola	15
5.1 Estruturas de Gestão	15
5.2 Gestão Pedagógica	16
5.3 Recursos Financeiros	17
5.4 Participação das instituições locais e protocolos	17
II – Diagnóstico	19
1. Resultados Académicos e outros Indicadores de Desempenho	19
2. Avaliação Interna e Avaliação Externa da Escola	21
3. Pontos Fortes e Pontos Fracos	22
III – Princípios Orientadores e Linhas de Actuação do PEE	23
1. Princípios Orientadores	23
2. Objectivos – Estratégias – Metas	24
IV – Avaliação do Projecto	29
V – Disposições Finais	29

Introdução

“Caminhante, não há caminho. O caminho faz-se ao andar”.

Antonio Machado

No momento em que comemora o seu 30.º aniversário, a Escola Secundária Professor José Augusto Lucas desenha o novo Projecto Educativo. Como alguém que entra na 4.ª década de vida, tem necessidade de olhar para o caminho percorrido, depois olhar-se demoradamente ao espelho, e continuar a caminhar. Assim são os passos de construção de um itinerário seguro – carregar a bagagem que com cuidado se preparou, medir forças e fraquezas, desenhar o mapa de viajante.

Olhamos, então, para trás e vemos uma escola a nascer num tempo ainda muito fresco e tateante, no final da década mágica de 70. A democracia tinha apenas 5 anos e o lugar onde a Escola se erguia era, como ela, um lugar em construção. A antiga Linda-a-Velha crescia vertiginosamente, e à sua volta, Carnaxide, Algés, Mirafleres cresciam também, transbordantes de famílias cujos filhos a nova escola acolheu. Professores muito jovens deram corpo a esta casa cujas paredes não eram suficientemente grandes para albergar o entusiasmo dos milhares de alunos que iam chegando. Foi preciso construir um anexo – a Secção – e ainda assim parecia curto o espaço, nessa já longínqua década de 80.

Os anos 90 trouxeram uma novidade – os alunos dos bairros degradados que cresceram mais depressa ainda do que os bairros de sólida construção. Eram jovens a quem a vida só dava uma parte, e por isso a Escola tinha que lhes dar a metade que faltava. E a Escola tentou dar, em muitos casos conseguiu. Estes jovens, quase todos oriundos das ex-colónias, mudaram a cor da ESLAV, obrigaram os professores, ainda jovens também, a olharem para dentro das suas próprias aulas e, quantas vezes, a mudar as suas práticas. Continuava a ser um tempo de mudança, intensamente vivido, em que a Escola amadureceu e, com ela, os seus professores.

O primeiro Projecto Educativo, construído nessa década, tinha como lema **“Uma Escola de Todos – para Todos”**. Que outro lema poderia ter, naqueles anos em que a aposta na inclusão foi um alicerce matricial? Sem que nos déssemos conta, estávamos a construir **uma escola inclusiva, com uma identidade singular**. Não tínhamos mãos a medir, 2/3 da Escola procurava uma estrada larga, o outro terço precisava de um chão. Foi então que compreendemos que tínhamos, desde o início, edificado sobre um outro alicerce – **a criatividade** – e fomos criativos nos muitos e diferenciados projectos que erguemos, na adopção

de práticas diferenciadas, no empenho com que ajudámos a abrir a estrada, ao mesmo tempo que cimentámos um chão.

Depois, os alunos que tinham chegado sem chão fizeram-se à estrada e nós fomos ficando. Descobríamos mais um alicerce – a união. **“Clima e relações interpessoais entre os elementos da comunidade escolar, facilitadores das aprendizagens”**, ler-se-á no relatório de Avaliação Externa da Inspeção-Geral de Educação, uns anos mais tarde (2009).

Na primeira década do século XXI, interpretando a mudança que podia empreender, a Escola mudou o seu lema, que passou a ser **“Ensinar e Aprender com Qualidade”**. E foi mesmo assim, cada vez mais exigentes connosco mesmos, apostámos cada vez mais num ensino de qualidade. As taxas de sucesso, que desde 2006, têm aumentado sempre, evidenciam a justeza da aposta. Por isso mantemos o lema.

E a Escola chegou aos 30 anos. Olha-se ao espelho, num jogo de espelhos, para sermos mais precisos – a avaliação externa, a avaliação interna, a permanente auto-avaliação devolvem-nos o reflexo de um rosto que é o nosso. Reconhecemos o olhar seguro e inquieto, por vezes cansado e entusiasmado, maduro e aberto a acolher outros alunos, sempre diferentes. E novos professores também.

Mais uma vez, estamos num tempo de mudança e não é agora que a mudança nos vai assustar. Temos âncoras, temos alicerces, sobretudo temos um rosto – o da nossa identidade. É com esse rosto que a Escola se revê no seu novo nome – **Escola Secundária Professor José Augusto Lucas**. É com esse rosto que construímos mais uma etapa, mais uma estrada para o futuro: este novo Projecto Educativo para o triénio de 2010-2013.

Para a elaboração deste Projecto Educativo de Escola, utilizámos os documentos que a seguir se enumeram.

- Relatório de Avaliação Externa, pelo IGE, Fevereiro 2009
- Relatório de Avaliação Interna, segundo o CAF, 2009
- Relatório de Análise dos Resultados dos Exames 2000-2009, “escxel”, Rede de Escolas de Excelência, pelo Centro de Estudos de Sociologia da Universidade Nova
- Relatório sobre os Exames, do Grupo de Avaliação do C. Pedagógico, Abril 2010
- Texto de caracterização da Escola, do CE para o IGE, Fevereiro 2009
- Relatórios de avaliação dos PAA
- Grelhas de classificações de exames
- Grelhas e mapas de análise do sucesso, do abandono, dos processos disciplinares, do ASE
- Actas
- Inquéritos aos novos Professores

I – CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA

A **Escola Secundária Professor José Augusto Lucas** é uma escola pública criada pelo Decreto-lei n.º 295, I série, cuja Portaria n.º 782, de 23 de Dezembro, lhe atribui a designação de **Escola Secundária de Algés** por funcionar em instalações provisórias naquela freguesia. Em 1980, na sequência da mudança para o actual edifício, a Portaria n.º 406, de 15 de Julho, muda-lhe o nome para **Escola Secundária de Linda-a-Velha**. O dia 17 de Dezembro, data da inauguração das novas instalações, está consagrado como o dia da fundação da escola e o seu aniversário é anualmente comemorado. Foi, por isso, esse o dia escolhido para, em 2009, o nome da escola ser mudado para **Escola Secundária Professor José Augusto Lucas**, um tributo à memória daquele que, tendo sido seu Presidente durante muitos anos, marcou de forma decisiva a sua identidade.

1. O meio: Linda-a-Velha, uma freguesia do Concelho de Oeiras

A escola que, durante 30 anos, ostentou o nome de Secundária de Linda-a-Velha é a segunda mais antiga escola secundária do **concelho de Oeiras**.

Integrado na **Área Metropolitana de Lisboa**, com uma área de cerca de 45 km², o concelho de Oeiras é ladeado pelo concelho de Cascais, a poente, de Sintra e da Amadora a norte, de Lisboa a nascente, tendo como limite sul o rio Tejo. A situação geográfica privilegiada, na margem do Tejo e próximo de Lisboa, bem como as suas características físicas e paisagísticas têm tornado o concelho, desde a pré-história, um lugar atractivo para a fixação de população com diferentes origens.

Sede de freguesia desde 1993, **Linda-a-Velha** é uma povoação muito antiga: a primeira referência ao actual lugar de Linda-a-Velha surge no século XIII, no reinado de D.Afonso III. Localizada num lugar alto, com vista de grande amplitude, era inicialmente constituída por algumas quintas que abasteciam a capital de produtos hortícolas e pecuários. Actualmente, é um lugar densamente povoado (9 756.4 hab./km²), reunindo diversos bairros em que predomina largamente a habitação plurifamiliar de qualidade média e elevada. Os bairros degradados, que alojaram durante duas décadas, predominantemente, os imigrantes dos PALOP, foram extintos e os seus habitantes realojados em bairros sociais, na sua maioria situados noutras freguesias do concelho.

Multicultural, embora cada vez menos multiétnica, a população de Linda-a-Velha é constituída, em grande parte, por pessoas originárias de outras províncias, que se fixaram em Lisboa nos anos 50 a 80, mas também por naturais de diversos países, com destaque para os de ascendência dos países africanos de língua portuguesa, do Brasil e de países do leste europeu. É uma população maioritariamente activa e apresenta uma elevada taxa de qualificação, sendo que uma grande percentagem tem habilitações superiores.

A proximidade de Lisboa e a boa acessibilidade têm favorecido a fixação de empresas, bens e serviços cada vez mais qualificados, o que contraria a fisionomia de dormitório

que, de outro modo, a freguesia poderia ter. Para tal, contribui também a manutenção de associações de carácter cultural, recreativo e desportivo, surgidas inicialmente em torno do núcleo anterior à explosão demográfica (Academia Recreativa de Linda-a-Velha, grupos corais, etc.), bem como a criação de infra-estruturas no mesmo âmbito (Escola de Música e Bailado de Nossa Senhora do Cabo, Auditório Municipal Lourdes Norberto - sede do Grupo de Teatro Intervalo, antigo 1º Acto, de larga e prestigiada tradição cultural - o espaço cultural da Quinta dos Aciprestes e a Piscina Municipal).

2. Instalações da Escola

A Escola Secundária Professor José Augusto Lucas é constituída por nove corpos edificados, equilibradamente integrados num amplo espaço natural, em grande parte ajardinado e arborizado, com campo de jogos e uma vista desafogada. São seis pavilhões com salas de aulas, (que comportam a Biblioteca/Centro de Recursos, o Anfiteatro, os Laboratórios de Física, Química, Biologia e Geologia, as salas de Informática e as de Desenho, a Reprografia e Papelaria, a sala da Associação de Estudantes e alguns gabinetes de trabalho); um pavilhão de serviços (que alberga as salas da Direcção, a Secretaria, o Bar e o Refeitório, o PBX, a sala polivalente de alunos, a sala de Professores, os Serviços de Psicologia e Orientação, a sala de Directores de Turma e um pequeno anfiteatro); um pavilhão gimnodesportivo.

As instalações apresentam um nível de qualidade e segurança razoáveis, tendo sido feito um esforço para as adequar às novas exigências, nomeadamente na acessibilidade, dotando-as com rampas para portadores de deficiência motora.

A escola foi construída de acordo com os normativos da época da edificação, menos rigorosos do que os actuais. Daí decorrem algumas fragilidades, como o uso de amianto nas coberturas de pavilhões e telheiros, que contraria as normas da União Europeia, a localização dos Laboratórios no 1º andar, sem saída de emergência, a existência de apenas uma saída de emergência no Pavilhão D direito.

O natural desgaste causado pelos anos de utilização, grande parte dos quais de sobrelotação, obrigou à realização de obras, executadas no ano lectivo de 2001-2002, tendo-se procedido à renovação dos espaços desportivos, do piso dos espaços exteriores, dos esgotos e das casas de banho dos alunos, no polivalente; foram igualmente reparadas janelas e algumas portas; procedeu-se a pintura exterior.

Outros melhoramentos são de assinalar, com particular destaque para a Biblioteca/Centro de Recursos Educativos, inaugurada em 2000 e cujas obras e equipamento foram possíveis em virtude da sua integração precoce, em 1998, na Rede de Bibliotecas Escolares. Estas obras e alguns melhoramentos posteriores tornaram o espaço da Biblioteca um dos mais apetecíveis e consensualmente apreciados da Escola. Também o bar e a sala de professores foram objecto de requalificação, tendo a última sido dotada, em 2009, de uma esplanada que valorizou consideravelmente este espaço.

Apesar dos melhoramentos trazidos por estas reparações e requalificações, o desgaste provocado pelo uso e pelo tempo continua a fazer-se sentir e a Escola carece de obras urgentes, nomeadamente no interior dos pavilhões – salas de aula, soalho, portas interiores, janelas, coberturas e instalações sanitárias. Além disso, o equipamento encontra-se, na maioria dos casos, bastante degradado e desactualizado, situação que, aliada a algumas deficiências estruturais, se traduz em falta de conforto. Este é aliás um reconhecido ponto fraco da escola.

O número de turmas actualmente existente na escola é compatível com as instalações.

3. Oferta educativa

A Escola disponibiliza uma oferta educativa e formativa diversificada, inscritas, nos **Planos Anual e Plurianual de Actividades**.

Ao nível dos ciclos de ensino que alberga, é aquilo que sempre foi, uma escola com turmas do 3.º Ciclo do Ensino Básico e turmas do Ensino Secundário. Num momento em que a escolaridade obrigatória se projecta para o 12.º Ano, este tipo de composição é particularmente favorável à articulação entre o Básico e o Secundário. Na verdade, a clivagem observada entre o último ciclo da escolaridade obrigatória e o início do Secundário é um dos problemas com que nos debatemos e sempre procurámos resolver. Teremos agora que procurar soluções numa lógica diferente, a da escolaridade obrigatória de 12 anos.

Procurando responder às necessidades e interesses dos alunos, a Escola oferece também o curso de Educação e Formação – Assistente Administrativo e o curso Profissional de Técnico de Contabilidade, no Ensino Secundário.

Uma escola que sempre apostou numa cultura de inclusão apoia com particular cuidado os seus alunos mais carenciados, no sentido de promover o sucesso de todos, independentemente dos constrangimentos sócio-económicos, psico-afectivos ou cognitivos. Estes alunos com dificuldades beneficiam de **apoios** individuais ou de grupo, consoante a situação e os recursos da Escola ou são encaminhados para Aulas Abertas, Salas de Estudo, Oficinas de Aprendizagem, um vasto leque de **actividades de enriquecimento curricular** que está à disposição dos alunos. Pela sua solidez, pelos resultados que apresenta e por ser um exemplo de boas práticas, sublinhamos o Projecto “Oficinas da Matemática”, que inclui o Plano da Matemática (PM).

Além disso, a variedade e consistência das **actividades extracurriculares** é uma das marcas identitárias da Escola, que sempre apostou nestas actividades de natureza cultural e desportiva como meio de enriquecimento e realização pessoal dos alunos, e como fonte de criação de laços entre todos. Pelo impacto que têm na vida da Escola e nas aprendizagens, salientamos o papel de projectos como o interdisciplinar “3D” (História/Geografia/Artes - que inclui teatro, exposições e outras actividades), o projecto “aLeR+”, articulado com o Plano Nacional de Leitura, o Clube de Cinema, a revista “Crítica”, o projecto “Ambiente e Saúde”, o programa “Pessoa”, o “Desporto Escolar”.

4. Composição da Comunidade Escolar

4.1 Os Alunos

Depois de um período de decréscimo da população escolar, em resultado sobretudo da construção de uma nova escola secundária na freguesia, o número de alunos tem vindo de novo a aumentar nos últimos anos, situando-se actualmente na ordem dos 1020 alunos, maioritariamente distribuídos por uma faixa etária compreendida entre os 12 e os 18 anos.

ALUNOS QUE FREQUENTAM A ESCOLA – ANO LECTIVO 2009/2010

	ANO	Nº DE TURMAS	Nº DE ALUNOS			ALUNOS REPETENTES	ALUNOS COM NEE	ALUNOS APOIADOS PELO ASE
			TOTAL	F	M			
3º CICLO	7º	6+2*	156	89	67	23	6	35
	8º	6	149	64	85	9	5	19
	9º	5+1**	138	65	73	6	1	30
SECUN.	10º	7	191	90	101	13	3	22
	11º	8	214	109	105	4	6	24
	12º	7	170	103	57	22	2	16
TOTAIS		40	1018	520	498	77	23	146

* Turma Mais

** Curso de Educação e Formação (tipo 3; nível 2) – assistente administrativo

A distribuição por idades e sexo é bastante equilibrada, embora em algumas turmas do Secundário se verifique um considerável desequilíbrio de género, motivado pelas áreas/ disciplinas procuradas.

Apesar da proveniência social heterogénea dos alunos, predomina a classe média, residindo, a maioria, em bairros de qualidade média e elevada, em Linda-a-Velha, seguindo-se Carnaxide.

O **predomínio da classe média** é evidenciado no mapa de actividades exercidas pelos pais e mães. A maioria são quadros técnicos, muitos de nível superior ou com profissões liberais, são médicos, professores, empresários, outros empregados de comércio e serviços. Uma pequena minoria, que não tem parado de diminuir nos últimos anos, trabalha na produção e em serviços pessoais e domésticos.

Igualmente significativo é o quadro das habilitações literárias dos pais e das mães. A maior percentagem tem curso superior, tendência que tem aumentado muito significativamente nos últimos anos, seguindo-se os que têm o 12º e o 9º ano de escolaridade. Situações dos que têm apenas o 4º ano de escolaridade são, no presente, muito minoritárias.

A grande maioria dos alunos tem origem portuguesa. O número dos de origem africana, que há uma década chegou a atingir os 32%, tem vindo a diminuir, aumentando, no entanto, os provenientes do Brasil (49 alunos em 2009-2010, 34 no Básico e 15 no Secundário). São, com frequência, alunos com alguns problemas de integração no trabalho e nas exigências da escola portuguesa, o que potencia situações de desinvestimento e alguma conflitualidade. Verifica-se também um acréscimo, embora pouco significativo, de alunos de outras nacionalidades, sobretudo dos países do Leste europeu.

Face a esta nova diversidade, a Escola implementou, com a afectação dos recursos necessários, o **projecto de Português Língua Não Materna**, com atribuição de apoios educativos a estes alunos. Paralelamente, iniciou-se uma reflexão, visando a implementação de projectos para a integração e o sucesso destes alunos.

No que diz respeito à necessidade de apoios sócio-educativos, a percentagem de alunos apoiada pela Acção Social Escolar, nos três últimos anos lectivos, varia entre os 10% e os 13%. No ano lectivo transacto, a percentagem dos alunos foi de 14,6 %.

Também se constata que, de um modo geral, são os alunos provenientes de meios sócio-económicos mais desfavorecidos que procuram, com maior frequência, os Cursos Profissionais, no Secundário e o de Educação e Formação, para concluir o Ensino Básico. Em contrapartida, os alunos que entram em cursos que exigem médias muito elevadas, como Medicina, Arquitectura, Engenharia Civil, Bio-Médica ou Aero-Espacial são provenientes de famílias de nível sócio-económico altamente favorecido.

Em termos genéricos, os problemas de falta de assiduidade expressiva são raros. Nos casos em que são detectadas situações desta natureza, o Director de Turma desenvolve contactos imediatos com os Encarregados de Educação e, esgotados estes mecanismos, em situações perfeitamente residuais e atípicas, a escola contacta a Comissão de Protecção de Menores.

Quanto aos **problemas de indisciplina**, verifica-se uma acentuada descida, como pode observar-se no quadro.

	2007-2008	2008-2009	2009-2010
N.º de processos disciplinares	71	58	32
N.º de sanções decorrentes de processos disciplinares	67	54	31

Os Conselhos de Turma sinalizam os casos de alunos com dificuldade de aprendizagem, que são encaminhados para os **apoios educativos**. No entanto, dadas as limitações do crédito da Escola, as necessidades de apoio individual não são totalmente satisfeitas, procurando a escola suprir essas lacunas através do encaminhamento dos alunos para as aulas de reforço das aprendizagem que os diversos grupos têm organizadas segundo modelos específicos em cada disciplina.

Outro tipo de apoio é fornecido pelos Serviços de Psicologia e Orientação Escolar, que em colaboração com os Directores de Turma, despista situações problemáticas,

encaminhando os alunos para os Serviços ou Instituições mais capazes para a resolução dos problemas ou para outros percursos escolares. Estes Serviços orientam ainda as escolhas profissionais dos alunos, fazendo incidir a sua acção mais directa sobretudo nos anos de fim de ciclo – 9.º e 12.º anos.

Representados no Conselho Pedagógico, nos termos da lei, os alunos têm ainda a sua representação garantida no Conselho de Turma, através do Delegado e do Subdelegado, eleitos nominalmente pelos seus pares, e exercem ainda os seus direitos de reunião, associação e participação através da Associação de Estudantes, anualmente eleita por sufrágio secreto das listas concorrentes.

Nos inquéritos realizados em 2009, no âmbito do processo de avaliação interna da Escola, apurou-se ser elevado **o grau de satisfação dos alunos**. De facto, num total de 22 perguntas, obteve-se uma média de 3,88 pontos para um máximo de 5, sendo que os itens relativos ao desempenho e relação com os Professores e Directores de Turma são os que atingem valores mais elevados, alcançando médias de 4,31 e 4,68, respectivamente. O valor mais baixo, e o único valor negativo, é o que diz respeito à utilidade das aulas de substituição (1,62).

4.2 Os Professores e os Técnicos Especializados

O Projecto Educativo de 2005/2009 dava conta da existência de um corpo docente muito estável que contava com 136 professores, sendo uma grande maioria (88%) do QND (quadro de nomeação definitiva) da Escola. Esta situação alterou-se profundamente, devido ao elevado número de docentes que se aposentaram, permanecendo apenas 78 dos 120 professores do quadro que, em 2005/2006, trabalhavam na Escola. Só no período que medeia os anos de 2005 a 2009, o número de professores do QND baixou de 93% para 71%.

DOCENTES EM FUNÇÃO NA ESCOLA – ANO LECTIVO 2005/2006

TOTAL		PROF. DO QND DE ESCOLA		PROF. DO QZP OU DESTACAMENTO		PROFESSORES CONTRATADOS	
136		120		5		11	
F	M	F	M	F	M	F	M
117	19 14%	103	17	5	0	9	2

DOCENTES EM FUNÇÃO NA ESCOLA – ANO LECTIVO 2009/2010

TOTAL		PROF. DO QND DE ESCOLA		PROF. DO QZP OU DESTACAMENTO		PROFESSORES CONTRATADOS	
116		78 + 10 (recentemente na Escola)		14		14	
F	M	F	M	F	M	F	M
98	18 16%	67	21	13	1	11	3

Acompanhando a tendência geral do Ensino, predomina o género feminino.

O Director atribui o serviço lectivo aos professores, de acordo com os critérios para a distribuição do serviço docente, discutidos e aprovados no Conselho Pedagógico de lançamento de cada novo ano lectivo. Esses critérios, privilegiando o superior interesse dos alunos, enunciam como primeira prioridade a continuidade pedagógica.

Quanto à componente não lectiva, a Escola procura ajustar as propostas dos Grupos de Recrutamento às necessidades da Escola, por exemplo, articulando projectos e prioridades de intervenção, sempre numa perspectiva de resposta às necessidades e expectativas dos alunos, aproveitando capacidades, apetências e perfis dos professores.

Dando cumprimento ao Decreto Lei n.º75/2008, de 22 de Abril, os professores estão organizados curricularmente em **4 Departamentos** que integram os diversos Grupos de Recrutamento: Matemática e Ciências Experimentais, Ciências Sociais e Humanas, Línguas, Expressões. Embora comporte algumas dificuldades ao nível do estabelecimento de uma rede informativa e decisória eficaz, esta estrutura, adoptada já no ano lectivo de 2008-2009, permite uma maior articulação horizontal, promove o trabalho colaborativo entre os Grupos e facilita a adopção de processos e critérios semelhantes.

A coordenação do trabalho pedagógico-disciplinar está a cargo do **Coordenador de Departamento** e/ou do **Delegado de Grupo**.

A coordenação do trabalho ao nível da turma está a cargo do **Director de Turma**, a coordenação do trabalho dos directores de turma é da responsabilidade de um **Coordenador** para o Básico e de outro para o Secundário.

Ao nível da **formação**, a escola integra o Centro de Formação de Escolas do Concelho de Oeiras, sediado na Escola Sebastião e Silva, em Oeiras. Tem ainda colaborado com algumas Faculdades, no sentido de assegurar diversos estágios, estando em funcionamento o Mestrado em Ensino de Português, e o estágio de Educação Física, resultado de protocolos com a Faculdade de Letras de Lisboa e a Faculdade de Motricidade Humana.

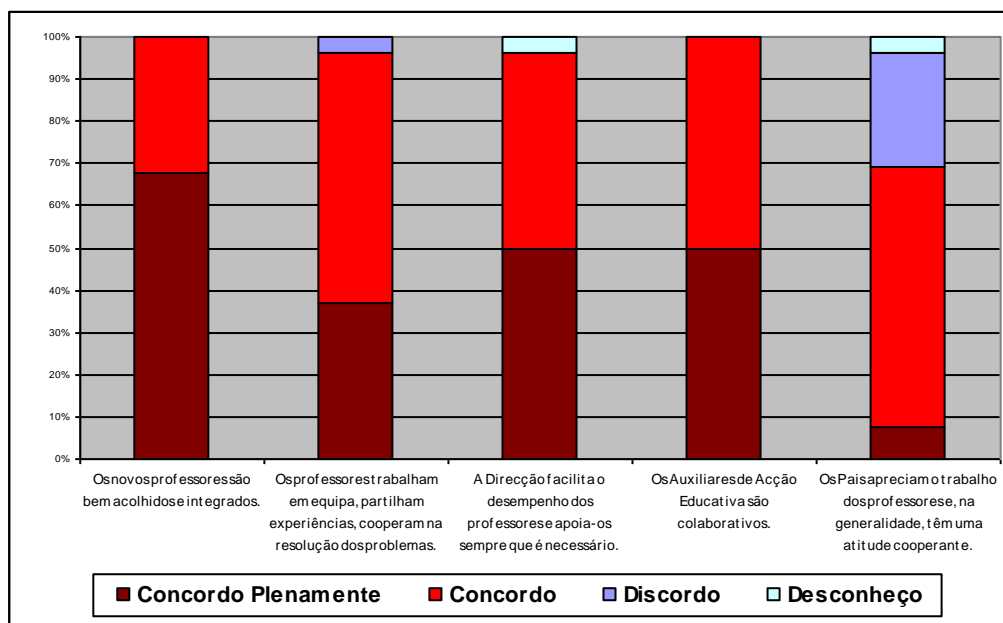
A Biblioteca Municipal de Oeiras e o Centro de Saúde de Linda-a-Velha têm, também, possibilitado formação com alguma continuidade.

Nos inquéritos realizados em 2009, no âmbito do processo de avaliação interna da Escola, apurou-se ser elevado **o grau de satisfação dos professores** – 4,01 numa escala de 0 a 5. Também o relatório de Avaliação Externa de 2009 sublinha a ligação à Escola *“Os professores referem-na como um lugar onde se sentem especialmente bem acolhidos e integrados”* (pág.11), e afirma, em vários pontos, a **motivação e o empenho dos docentes**.

Apesar das grandes mudanças que se têm operado no corpo docente, a Escola tem sabido preservar aquilo que a comunidade educativa tem assumido, ao longo dos anos, como uma das marcas da sua identidade: um bom ambiente ao nível das relações interpessoais e um clima de trabalho colaborativo.

É o que nos revela o inquérito realizado em Maio de 2010 aos novos professores, como pode ver-se no quadro a seguir reproduzido.

GRAU DE SATISFAÇÃO DOS NOVOS PROFESSORES



No mesmo sentido vai o relatório da equipa de auto-avaliação que indica a integração dos novos professores como um dos pontos fortes da Escola (pág. 28).

De resto, inquiridos sobre a vontade de continuarem na Escola no próximo ano lectivo, todos os novos professores (com apenas uma excepção) respondem positivamente e, nas respostas abertas do referido inquérito reafirmam o bom ambiente que se vive no seio da comunidade educativa, as relações harmoniosas com os alunos, o espírito de Escola, a qualidade e dinâmica dos projectos extracurriculares.

4.3 Os Funcionários

A par dos professores e técnicos especializados, um grupo de outros técnicos não docentes garante o funcionamento da escola – os Assistentes Técnicos e os Assistentes Operacionais. Este corpo não docente era, ainda em 2009, constituído por 47 elementos, distribuídos conforme os quadros a seguir, e a situação era já então caracterizada como de grande carência. A Direcção, o Conselho Pedagógico e a Associação de Pais solicitaram repetidas vezes à tutela a resolução deste problema. Neste momento, ele não só não se resolveu, como se agravou insustentavelmente com a saída de diversos funcionários por razões de aposentação ou de transferência.

O número de funcionários não docentes é, assim, manifestamente insuficiente, não cobrindo, por exemplo, o apoio aos laboratórios e obrigando alguns serviços a funcionar com horário mais reduzido do que o desejável. A Escola tem procurado suprir estas carências com recurso a um protocolo com o Centro de Emprego de Cascais, que tem vindo a colocar temporariamente pessoas nos Serviços Administrativos e na limpeza. O facto de este tipo de solução ser temporário não

permite a criação de qualquer vínculo à Escola nem a continuidade de trabalho, e não resolve a situação de carência. Desta forma, qualquer falta de pessoal, sobretudo dos assistentes operacionais, tem um impacto enorme, obrigando ao encerramento de serviços ou de pavilhões e impossibilitando mesmo a leccionação de aulas.

ASSISTENTES TÉCNICOS (ex as. administrativos) – ANO LECTIVO 2009/2010

TOTAL		CONTRATO INDIVIDUAL DE TRABALHO		CONTRATADOS A TERMO CERTO		FUNCIONÁRIOS DE PROVIMENTO DEFINITIVO	
6		2		2		2	
F	M	F	M	F	M	F	M
5	1	1	1	2	0	2	0

ASSISTENTES OPERACIONAIS (ex-auxiliares A. E.)– ANO LECTIVO 2009/2010

TOTAL		A.A.E.		AUXILIAR TECNICO DE LABORATÓRIO		COZINHEIRA E AJUDANTES		GUARDAS – NOCTURNOS	
29		22		-		5		2	
F	M	F	M	F	M	F	M	F	M
23	6	18	4	-	-	5	0	0	2

O trabalho dos **Assistentes Operacionais** é coordenado por uma Chefe, nomeada pelo Director, do qual depende.

Os **Assistentes Técnicos** desempenham funções na Secretaria. Hierarquicamente dependem da Chefe de Serviços Administrativos e o seu trabalho distribui-se pelas áreas de Contabilidade e Tesouraria, Alunos, Expediente, Pessoal (docente e não docente) e Acção Social Escolar.

As áreas funcionais administrativas estão organizadas de acordo com as necessidades da Escola e as competências dos funcionários. Na generalidade, as diferentes áreas são asseguradas por, pelo menos, dois funcionários, sendo a sua capacidade de resposta positiva, excepto no final e início dos anos lectivos em que o volume de trabalho dificulta a resposta.

O número de funcionários e o vínculo não permanente, bem como a exiguidade das instalações não têm permitido à Escola implementar a Gestão de Processos.

É evidente que as condições em que os Funcionários trabalham determinam um grau de satisfação claramente inferior ao de alunos, professores ou Encarregados de Educação. Assim, nos inquéritos realizados em 2009, no âmbito do processo de avaliação interna da Escola, é de 2,88 o **grau de satisfação do Pessoal Não Doente**, na escala de 0 a 5.

No entanto, o relatório de Avaliação Externa de 2009 apurou que “os Assistentes Operacionais sentem que são respeitados, sendo solicitados para o desenvolvimento da acção educativa, de forma mais evidente nas actividades de enriquecimento curricular e no apoio aos alunos nos intervalos das aulas. É reconhecido pela comunidade escolar o esforço desenvolvido pelos assistentes operacionais que

procuram suprir a falta de funcionários, sendo também elogiado, por todos os utentes, o excelente serviço do refeitório, ao longo dos anos.

Quanto aos Serviços de Administração Escolar, apesar da renovação de pessoal suscitada pelas saídas e entradas de profissionais, aqueles respondem com eficácia às solicitações.

4.4 Os Pais e Encarregados de Educação

A Escola incentiva os Pais e Encarregados de Educação a participar no percurso escolar dos seus educandos, o que acontece, na maioria dos casos, de uma forma continuada. De acordo com a legislação, realizam-se reuniões com os encarregados de educação logo no início do ano, tentando motivá-los para essa participação. Elegem-se os seus representantes, e o Director de Turma dá a conhecer os normativos internos e externos mais relevantes; na sequência dessa eleição, os representantes dos pais (tal como os dos alunos) passam a participar nos conselhos de turma intercalares, aos quais se seguem reuniões dos pais e encarregados de educação com o Director de Turma. Também no início dos períodos lectivos se realizam reuniões com os pais e encarregados de educação.

Para além destes contactos mais institucionais, os Directores de Turma promovem o contacto permanente com os pais e encarregados de educação, quer recebendo-os semanalmente, sempre que o solicitem, quer através do telefone e *email*.

A presença activa dos pais e encarregados de educação nas reuniões é, naturalmente, mais acentuada no Básico, embora se verifique uma presença crescente no Secundário, chegando mesmo a participação dos Pais a ser maciça em algumas turmas do 10.º ao 12.º ano.

A relação entre as famílias e a Escola é transversal aos vários níveis sócio-económicos. Já no que diz respeito à participação mais activa nos órgãos da Escola, é claramente maioritária a participação de pais com nível sócio-económico e de escolaridade superior.

A Associação de Pais e Encarregados de Educação, que vive um momento de intensa actividade e participação, colabora com a Escola, a vários níveis, por exemplo, indicando os representantes nos órgãos, nos quais mantém uma presença activa e de qualidade, e mostrando a maior disponibilidade sempre que algum problema carece da sua intervenção.

Nos inquéritos realizados em 2009, no âmbito do processo de avaliação interna da Escola, apurou-se ser elevado **o grau de satisfação dos EE**. Assim, num total de 21 perguntas, obteve-se uma média de 4,08 pontos, equivalente à apreciação “concordo muito”, numa escala de 0 a 5 “concordo plenamente” (pág. 24).

Do mesmo modo, no relatório de avaliação externa é sublinhado o papel dos pais e a relação de cooperação que os seus representantes mantêm com a Escola. (pág. 10).

5. Organização e Gestão da Escola

5.1 Estruturas de Gestão

No ano lectivo de 2009-2010, dando cumprimento ao novo modelo de gestão, a Escola passou a ser gerida por um **Director** coadjuvado **por uma Vice-directora e duas Adjuntas**. A passagem para este modelo processou-se de forma equilibrada e sem sobressaltos, uma vez que, apesar da diferença substantiva de modelo, a equipa tem levado a cabo um trabalho de continuidade, alicerçado num conhecimento muito profundo da identidade da Escola. Tal conhecimento apenas é possível porque o Director exercia, anteriormente, as funções de Presidente do Conselho Executivo e os restantes elementos haviam também integrado o anterior órgão eleito por uma larguíssima maioria de 96%.

Na verdade, aos mais diversos níveis da vida escolar, a colaboração entre as várias estruturas de gestão tem continuado excelente. A Direcção tem assumido um papel dinamizador, de suporte e interligação com o **Conselho Geral** e o **Conselho Pedagógico**, respeitando as competências previstas na lei.

No ano lectivo de 2008-2009, e de acordo com o Decreto Lei nº75/2008, a reorganização da Escola em **4 grandes Departamentos** implicou uma profunda alteração no Conselho Pedagógico, que anteriormente integrava 12 Coordenadores de Departamento. No entanto, como a preocupação continuou a ser a da representatividade de todos os sectores que contribuem para a dinamização e concretização do PEE, optou-se por uma estrutura onde estão presentes, além dos 4 Coordenadores de Departamento, os Coordenadores da Biblioteca, dos Projectos, do Projecto da Matemática, das TIC, do Ensino Experimental das Ciências, dos Cursos Profissionalizantes e dos Serviços Especializados de Apoio.

Enquanto anteriormente os Coordenadores eram eleitos, os actuais foram designados pelo Director. Os efeitos negativos desta acentuada mudança no processo de escolha das lideranças intermédias foram ultrapassados pela acção da Direcção cujo profundo conhecimento da Escola e dos professores lhe permitiu escolher profissionais cujo perfil se adequa às funções e que reúnam consensos, para um eficaz e produtivo funcionamento da vida escolar. Além disso, a Direcção incentiva e promove a discussão e o trabalho colaborativo, o que faz ultrapassar os eventuais conflitos.

Nesse sentido, o Director apresenta propostas ao Conselho Pedagógico e ao Conselho Geral, procurando sempre envolver esses órgãos na tomada de decisões. Do mesmo modo, mantém uma relação produtiva com as **Coordenadoras dos Directores de Turma**, incentivando a apresentação de propostas de melhoria de funcionamento, que são integradas no processo organizativo.

Para além das estruturas de gestão mencionadas, a Escola dispõe de serviços especializados de apoio educativo que, articuladamente, têm como objectivo comum a plena integração escolar dos alunos aos níveis sócio-afectivo e cognitivo: Serviço de Psicologia e Orientação (SPO), Gabinete de Atendimento de Alunos, Biblioteca /CRE. O **Serviço de Psicologia e Orientação** conta com uma professora conselheira de orientação e uma psicóloga, dando apoio psicopedagógico a alunos, professores e

encarregados de educação e desenvolvendo actividades de orientação profissional. Além disso, colabora com diversos projectos e garante, em articulação com outros serviços, a detecção, avaliação e estudo de intervenção relativamente aos alunos com necessidades especiais.

O **Gabinete de Atendimento de Alunos** recebe os alunos com ordem de saída da sala de aula e tem uma acção orientadora e de gestão de conflitos.

A **Biblioteca / Centro de Recursos** é dirigida por uma professora bibliotecária, nomeada pelo Director para o quadriénio de 2009-2013, coordenadora de uma equipa de 3 professores responsáveis e 2 funcionários. Definindo como objectivo primeiro “Apoiar e promover os objectivos definidos no Projecto Educativo da Escola...” (cf. RI (art.º 109), a Biblioteca tenta responder às necessidades de informação, pesquisa e leitura dos muitos alunos que procuram os seus serviços, constituindo-se como um centro pedagógico da escola, já integrado na prática lectiva de muitos professores, e um pólo aglutinador de projectos, de que se destaca o aLeR+.

Iniciada em 2009-2010, a aplicação do Modelo de Auto-Avaliação criado pela Rede Nacional de Bibliotecas Escolares abrangerá progressivamente 4 Áreas de Intervenção: “Leitura e Literacias”, 2009-2010, “Apoio ao Desenvolvimento Curricular” 2010-2011, “Gestão da Biblioteca Escolar”, 2011-2012, “Projectos, Parcerias e Actividades Livres e de Abertura à Comunidade”, 2012-2013.

5. 2 Gestão Pedagógica

A supervisão pedagógica é feita através dos Coordenadores de Departamento e dos Delegados de Grupo de Recrutamento que acompanham a planificação, sugerem estratégias, verificam os testes, podendo mesmo fazer acompanhamento de aulas. Os grupos reúnem periodicamente para planificar o trabalho lectivo, e com a frequência necessária para a elaboração/troca de materiais e experiências, delineamento de matrizes de avaliação sumativa, análise do sucesso, desenho de estratégias. Sempre que se justifica, esta supervisão permite o acompanhamento da qualidade científica e pedagógica da actividade lectiva, bem como o apoio aos professores com alguma dificuldade ou menos experiência.

Anualmente são designadas as equipas que asseguram os diversos trabalhos decorrentes da organização escolar (secretariado e júris de exames, formação de turmas, matrículas, etc.). O Director escolhe as equipas segundo critérios que procuram assegurar linhas de continuidade e eficácia.

Uma das marcas identitárias da Escola foi sempre o seu carácter inclusivo, concretizado na forma como procura integrar todos os alunos. Essa integração deve ser vista a dois níveis: na aceitação da matrícula, mobilizando de imediato os recursos existentes, como os Serviços de Psicologia e Orientação e os directores de turma, mas também na criação de condições para um verdadeiro sucesso de todos, incluindo os que apresentam dificuldades de vária ordem. A organização das turmas procura ser equilibrada, quer em termos de género quer em rendimento, embora por vezes, condicionalismos vários limitem esta preocupação. Os alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem são encaminhados para apoios educativos/projectos e,

no limite, para outros percursos educativos. É nos Conselhos de Turma que são discutidas as estratégias mais adequadas a estes alunos, promovendo uma pedagogia diferenciada e elaborando os planos de recuperação ou acompanhamento nos casos necessários. Há reuniões periódicas que visam a avaliação e eventual reformulação dos processos.

A coordenação do trabalho ao nível da turma é da responsabilidade do Director de Turma; é ele também que procura resolver problemas relacionais ou outros, e que estabelece as pontes entre pais e professores.

Se é verdade que os alunos com mais dificuldades merecem uma atenção particular e obrigam, muitas vezes, a mobilizar grande parte das energias e dos meios da Escola, não é menos verdade que a ESPJAL tem apostado claramente num incremento da qualidade, procurando potenciar as capacidades dos alunos médios, para que sejam bons, dos bons para se tornarem muito bons, dos muito bons para serem excelentes.

5.3 Recursos Financeiros

A Escola tem conseguido gerir as suas despesas de acordo com o Orçamento atribuído. A existência de Cursos Profissionais e CEF tem permitido à Escola recorrer aos fundos do FSE/PRODEP, o que possibilitou a implementação desses cursos e a aquisição de materiais/equipamentos necessários ao seu desenvolvimento.

Para fazer face às suas despesas, a Escola recorre a fundos próprios que derivam essencialmente dos lucros do bar, do aluguer de instalações (Pavilhão Gimnodesportivo e salas de Informática), bem como de subsídios atribuídos, nomeadamente pela Câmara Municipal de Oeiras.

As opções orçamentais são propostas pelo Director, tendo em conta prioridades definidas no PEE, e aprovadas pelo Conselho Geral.

5.4 Participação das instituições locais e protocolos

Os órgãos autárquicos participam regularmente na vida da escola, quer a nível institucional no Conselho Geral, quer através da colaboração em recursos e apoios aos vários projectos da Escola. A **Câmara Municipal de Oeiras** concede à Escola um subsídio para actividades extracurriculares, apoio em transporte para visitas de estudo, equipamento para festas ou exposições. Apoia ainda o desporto escolar e iniciativas desportivas participando a escola na organização da Semana das Escolas Activas e no Dia do Desporto e Espírito Desportivo. Em 2009-2010, a CMO apoiou e incentivou alunos do 12º ano do projecto *Oeiras_Verde* a integrar projectos em parceria, como "OEINERGE", na qualificação da eficiência energética da Escola.

O Gabinete da Juventude da CMO promove actividades na Escola no âmbito da cidadania; o Programa Ambiente e Saúde tem uma componente articulada com a CMO. Os pelouros mais em evidência neste bom relacionamento são os da Educação, Desporto, Ambiente e Juventude. Através da Biblioteca, a Escola participa na Rede de Bibliotecas Concelhias.

Existem, além disso, protocolos de colaboração com a **Comissão Social de Freguesia** e o **Centro de Saúde**. O Centro de Saúde realiza acções de esclarecimento e sensibilização junto de alunos, nomeadamente no campo da Educação Sexual, colabora com técnicos na Semana da Saúde, procede ao controlo da vacinação.

A Comissão Social de Freguesia permite a detecção e encaminhamento de casos de carência social.

No ano lectivo de 2008, e dando continuidade a uma tradição de colaboração e projectos conjuntos, a Escola celebrou um protocolo com a **Escola de Música Nossa Senhora do Cabo**, de modo a garantir o ensino especializado da música. Desta forma, as turmas são constituídas de modo a garantir a frequência do **ensino especializado da música** de nível básico e/ou secundário e os alunos podem ser integrados, independentemente do seu local de residência.

Outros protocolos estão em vigor, nomeadamente com o **Centro de Estudos da Universidade Nova** (integrando a Escola o Projecto ESCXEL), com a **Faculdade de Letras da Universidade Clássica** (a Escola assegura a orientação do Mestrado em Ensino do Português), com a **Faculdade de Motricidade Humana** (Mestrado no Ensino da Educação Física dos Ensinos Básico e Secundário).

A Escola celebra todos os anos protocolos com **empresas** que garantem os estágios para os alunos dos Cursos Profissionais e de Educação e Formação.

Ao nível da Biblioteca, a Escola integra a **Rede de Bibliotecas Concelhias** e a **Rede de Bibliotecas Escolares**. No âmbito do Plano Nacional de Leitura, dinamiza o projecto aLer+, num protocolo assinado com o PNL e a Fundação Gulbenkian.

Para além destes protocolos formalmente assinados, a Escola mantém colaboração, pontual, com o **Grupo de Teatro Intervalo**, com a **Fundação Marquês de Pombal** e com outras entidades, de acordo com a oportunidade. Assinala-se igualmente a permanente disponibilidade e abertura na participação em projectos de investigação coordenados por universidades e outras instituições.

Ao nível da contratação de pessoal, a Escola tem recorrido a um protocolo com o Centro de Emprego de Cascais, que coloca temporariamente funcionários administrativos e de limpeza.

II – DIAGNÓSTICO

1. Resultados académicos e outros indicadores de desempenho

Entre 2006 e 2009, os resultados escolares evoluíram positivamente no **3.º ciclo do Básico**. O único caso problemático era, nos anos lectivos passados, o do 7.º ano, situação que foi invertida em 2009/2010, com a implementação do projecto “Turma+”, com resultados visíveis.

Também nos **exames nacionais do 9.º ano**, o desempenho da Escola evoluiu favoravelmente, quer em Português, quer em Matemática. Assim, no caso do Português, a média das classificações foi positiva nos três últimos anos (2,7 – 3,0 – 3,4), verificando-se que as médias das classificações internas (CIF) e as de exame (CE) são as mesmas, embora numa clara tendência de melhoria dos resultados de exame.

Já a Matemática, as diferenças entre a CIF e a CE são maiores, mas as classificações de exame têm vindo também a subir progressivamente (2,4 – 2,8 – 3,2).

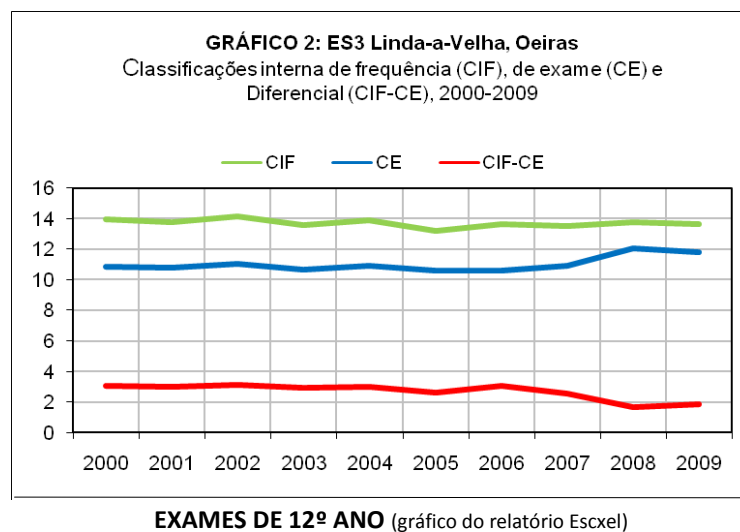
A esta subida dos resultados não será alheio o investimento que a Escola tem feito nestas duas disciplinas, nomeadamente ao nível do apoio prestado aos alunos nas Oficinas de Português e da Matemática (que inclui o Plano da Matemática implementado na Escola).

EXAMES 9.ºANO	2006-2007	2007-2008	2008-2009
	CIF - CE	CIF - CE	CIF - CE
Português	2,7 – 2,7	3,0 – 3,0	3,4 – 3,4
Matemática	1,8 – 2,4	3,0 – 2,8	3,0 – 3,2

No **Ensino Secundário**, verifica-se uma acentuada subida dos resultados, tendo a Escola vindo a melhorar, não apenas os seus resultados absolutos, como a sua posição no conjunto de escolas secundárias do país. De facto, a análise das classificações de exame do Ensino Secundário situam a ESPJAL, nos últimos dois anos, no conjunto de escolas que apresentam uma valorização próxima dos 10% em relação à média nacional, começando, por isso, a destacar-se da grande mancha de escolas com resultados médios. Desta forma, poderemos identificar um padrão de avaliação interna de frequência que parece estar estabilizado, pelo menos desde 2006, enquanto, relativamente às médias dos exames dos últimos 3 anos, poderemos verificar uma tendência para o aumento, o que permite admitir um potencial de melhoria. Na verdade, desde 2006 que os valores relativos das classificações de exame (CE) da Escola revelam uma tendência crescente, sendo necessário agora desenvolver esforços no sentido de consolidar e/ou reforçar essa posição.

A análise dos resultados por disciplina permite identificar relações CIF-CE diferenciadas, com os ganhos mais acentuados nos resultados da disciplina de **Matemática A** que é, simultaneamente, aquela que se distancia mais da média

nacional. Os resultados nos exames de Matemática são, de resto, um dos sete pontos fortes da Escola apontados no relatório de Avaliação Externa.



A análise das classificações obtidas pela Escola nos Exames Nacionais do 9.º e 12.º ano é feita no Conselho Pedagógico e nos Grupos de Recrutamento, comparando os resultados da Escola com as médias nacionais e confrontando as classificações de exame com as classificações internas. Essa análise, realizada no início do ano lectivo, visa avaliar as causas das eventuais diferenças e, se necessário, melhorar as práticas.

É, de resto, prática consolidada na Escola a **avaliação sistemática dos resultados escolares**, aos mais diversos níveis. Assim, no final de cada um dos períodos, nos diversos Departamentos, os professores procedem a uma reflexão conjunta dos resultados obtidos em cada disciplina e em cada nível, referenciando casos especiais de avaliação, procurando determinar as causas do insucesso e trocando impressões sobre os casos de sucesso. As conclusões dessa reflexão são apresentadas e discutidas no último Conselho Pedagógico de cada período, que determina a taxa de insucesso que obriga à apresentação de justificação registada em acta, nas reuniões de avaliação de todos os Conselhos de Turma. É precisamente em sede de Conselho de Turma que os resultados são analisados ao nível da turma e, mais particularmente, ao nível de cada aluno. Esses resultados, trabalhados posteriormente, numa perspectiva globalizante (aluno - disciplina – turma – ano – ciclo) são discutidos, no início do período seguinte, quer nas reuniões de Departamento/Grupo, quer no Conselho Pedagógico, no sentido de determinar as estratégias de remediação ou de continuidade, os novos apoios, os eventuais ajustes às planificações.

No final do ano, são analisadas as taxas de retenção e de abandono.

Todos estes dados, registados e trabalhados em grelhas e gráficos, permitem uma análise comparativa e evolutiva de que se conclui a tendência geral da Escola, nos três últimos anos, para um aumento da **taxa de conclusão**, quer no Básico, quer no Secundário, tendo sido, no passado ano lectivo, respectivamente de 93% e 80% (contra, no ano imediatamente anterior, 92% no Básico e 80%, no Secundário).

No 10.º ano, no entanto, verificou-se um ligeiro aumento da **taxa de retenção** (17% - 19%), não devendo, no entanto, estes valores ser confundidos com reprovações nem abandono, pois um número considerável de alunos, sobretudo do Secundário, foi encaminhado para outras opções. Quanto ao 12.º ano, a não conclusão deve-se, na grande maioria dos casos, a apenas uma disciplina.

No que diz respeito ao **abandono**, ele tem vindo a diminuir, tendo sido considerado residual, na avaliação dos resultados do final dos três últimos anos. Na verdade, o único nível em que ele tem ainda alguma expressão (16 alunos) é o 10.º ano, mas este não é um número real, pois vários são casos de encaminhamento para cursos profissionais.

Igualmente positiva tem sido, nos últimos três anos, a evolução da **taxa de sucesso dos alunos com ASE** (65% - 75% - 77%). Acompanhando a tendência geral, é no 7.º e 10.º ano que se verificam os resultados mais baixos desta franja de alunos, verificando-se a subida máxima no 9.º e 12.º ano. Estes resultados mostram-nos que, quando os alunos com mais dificuldades de natureza sócio-económica conseguem ultrapassar as barreiras e constrangimentos iniciais, prosseguem com êxito.

Em síntese, o desempenho da escola tem vindo a melhorar a todos os níveis: nas subidas das taxas de progressão, nas médias dos exames e na descida da taxa de abandono. Esta melhoria quantitativa e qualitativa corresponde ao cumprimento do lema da escola que, tendo sido “Uma escola de todos para todos” (no tempo em que a aposta era a inclusão, porque uma grande percentagem de alunos era proveniente dos bairros degradados), passou a ser, a partir de 2006/2007, “Ensinar e aprender com qualidade”.

2. Avaliação Interna e Avaliação Externa da Escola

No ano lectivo de 2008-2009, a Escola foi submetida a processos de avaliação interna e externa.

Da avaliação externa, levada a cabo em Fevereiro de 2009 pela Inspeção-Geral da Educação (IGE) resultou um relatório no qual se apontam 7 pontos fortes e 4 pontos fracos. Quer uns quer outros foram tomados em conta no desenho deste PEE.

Paralelamente, a Escola recorreu a uma entidade externa que, em colaboração com a equipa de auto-avaliação aplicou o modelo CAF - Estrutura Comum de Avaliação (Common Assessment Framework). Também o relatório que daí resultou define pontos fortes e pontos fracos de que fizemos uma súmula.

O quadro que a seguir se apresenta exhibe, precisamente, os pontos fortes e os pontos fracos diagnosticados quer na avaliação externa, quer na avaliação interna e serviu como instrumento para a definição de novos objectivos, da acção estratégica e das metas que consideramos desejáveis, ambiciosas mas, simultaneamente realistas.

3. Pontos fortes e pontos fracos

	Pontos fortes		Pontos fracos	
	Avaliação Interna	Avaliação Externa	Avaliação Interna	Avaliação Externa
DIRECÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Decisões com base na auscultação; ampla divulgação das decisões a toda a comunidade; promoção do envolvimento da comunidade nas questões da escola. ▪ Abertura aos problemas; fomento de um ambiente de confiança e solidariedade. ▪ Defesa de uma cultura identitária de escola. ▪ Apoio propiciador da concretização do PEE. ▪ Adequação da oferta às necessidades e interesse dos alunos. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Liderança dinâmica da Direcção, reconhecida e aceite pela comunidade educativa. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ O CE deve incentivar mais, à participação em acções de formação, que visem o melhoramento profissional. 	
GESTÃO	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Optimização dos recursos (humanos, financeiros e materiais) ▪ Fontes alternativas de financiamento ▪ Sistema integrado de contabilidade ▪ Protocolos 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Gestão eficaz e adequada dos recursos humanos. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Processos de arquivo informático. ▪ Equipamentos do polivalente. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Dificuldade de acesso à Internet em grande parte do espaço escolar.
PLANEAMENTO E ESTRATÉGIA	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Plano Anual de Actividades ▪ Bases de sustentação na elaboração do PEE. ▪ Divulgação do RI. ▪ Definição de indicadores de desempenho. ▪ Mecanismos de auto-avaliação. 			<ul style="list-style-type: none"> ▪ Sequencialidade entre os ensinos Básico e Secundário pouco sustentada numa gestão vertical dos programas. ▪ Não inscrição das metas estabelecidas nos documentos estruturantes da acção educativa da escola.
PROCESSO EDUCATIVO	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Melhoria dos resultados obtidos ▪ Trabalho em equipa por parte dos Profs ▪ Divulgação, aos alunos, dos objectivos e dos critérios de avaliação das várias disciplinas. ▪ Estratégias de combate ao insucesso ▪ Elevada satisfação dos alunos relativamente ao processo de ensino e ao apoio recebido. ▪ Orientação académica e profissional 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Resultados de Matemática nos exames 12º ano. ▪ Apoio aos alunos com necessidades educativas especiais. ▪ Valorização das metodologias activas e experimentais. 		<ul style="list-style-type: none"> ▪ Situações de indisciplina e insucesso no 7.º ano.
CLIMA RELACIONAL	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Elevado grau de satisfação de Professores e Alunos ▪ Elevada satisfação dos EE relativamente à Escola ▪ Sentimento de pertença partilhado por todos ▪ Integração dos novos professores. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Clima e relações interpessoais entre os elementos da comunidade escolar, facilitadores das aprendizagens. ▪ Motivação, empenhamento e dinâmica da maioria dos profissionais e dos E. Educação. 		

III - PRINCÍPIOS ORIENTADORES – LINHAS de ACTUAÇÃO

Com o lema “ENSINAR E APRENDER COM QUALIDADE” procuramos continuar a edificar uma escola-casa, na qual o sentido de pertença, alimentado pela partilha de experiências e desafios, favoreça o pleno desenvolvimento das capacidades e a construção harmoniosa das personalidades, numa perspectiva de cidadania, e por isso, numa abertura permanente e solidária ao Mundo. Assumimos, assim, os seguintes princípios:

1. Princípios Orientadores

- Promoção do sucesso e do desenvolvimento pleno das capacidades dos alunos, através da prática de um ensino norteado pelos princípios da qualidade.
- Preservação da identidade da Escola construída ao longo de 30 anos e alicerçada em valores consensualmente aceites e assumidos.
- Defesa de uma Escola Pública inclusiva e plural, onde as diferenças são encaradas como riqueza e nunca como constrangimento, no sentido de propiciar um melhor entendimento de si mesmo e do Mundo, no respeito consciente pelos Direitos Humanos e na promoção de valores éticos e de práticas de partilha e solidariedade.
- Valorização dos afectos que devem encontrar na Escola espaço para se manifestar e crescer com alegria, possibilitando o desenvolvimento equilibrado das personalidades e a construção de universos pessoais singulares.
- Valorização do saber, alicerçado na estimulação da curiosidade intelectual, no desenvolvimento do espírito analítico e crítico, postos ao serviço da resolução autónoma dos problemas concretos e das aprendizagens.
- Desenvolvimento e mobilização de saberes humanísticos, científicos e tecnológicos, valorizando as metodologias activas e experimentais, com utilização adequada de equipamento informático e multimédia.
- Promoção do gosto pela leitura e pela procura de bens culturais enriquecedores, como meio de realização pessoal.
- Articulação dos saberes das diversas áreas, no sentido do desenvolvimento de competências transversais úteis e duradouras.
- Promoção do respeito pelas regras, numa perspectiva de defesa dos direitos e deveres individuais e colectivos.
- Respeito participado pelos mecanismos democráticos da representatividade e da liberdade de opinião e intervenção.
- Transparência, verdade, equidade e eficiência nos diversos sectores da Escola, entendida como um serviço público.
- Aproximação da Escola à comunidade.

2. Objectivos e Acção Estratégica

OBJECTIVO 1 – Educar para o sucesso

- Melhorar / Manter as taxas do sucesso
- Melhorar / Manter a qualidade do sucesso

Estratégias / Acções	Metas
<p>1. 3º Ciclo do Ensino Básico</p> <p>1.1 Prossecução do Projecto Turma+ (no presente, apenas no 8.º Ano, por cortes impostos pela tutela).</p> <p>1.2. Prossecução dos projectos de Aulas Abertas e Oficinas para reforço das aprendizagens, em diversas disciplinas.</p> <p>1.3. Reforço e rentabilização dos apoios individuais e de grupo, aos alunos com mais dificuldades.</p> <p>1.4 Dotação, aos alunos com dificuldades, de um Plano de Recuperação /Acompanhamento adequado.</p> <p>1.5. Rentabilização das aulas de acompanhamento (AA).</p> <p>1.6 Realização dos testes intermédios do GAVE, nas disciplinas com exame – Português e Matemática.</p> <p>1.7. Continuação da participação no PM (Plano de Matemática).</p> <p>2. Ensino Secundário</p> <p>2.1 Prossecução dos projectos de Aulas Abertas e Oficinas para reforço das aprendizagens em diversas disciplinas, sobretudo em anos de exame.</p> <p>2.2 Reforço e rentabilização dos apoios individuais e de grupo, aos alunos com mais dificuldades.</p> <p>2.3 Realização dos testes intermédios do GAVE, nas disciplinas com exame – Matemática, Física e Química, Biologia e Geologia.</p> <p>2.4 Continuação da participação no PLNM (Português Língua Não Materna).</p> <p>2.5 Continuação do Projecto da Matemática.</p> <p>1e 2 Continuar a promover a integração da BE nos planos estratégicos e operacionais da Escola.</p> <p>3. Abandono escolar</p> <ul style="list-style-type: none"> • Implementação de medidas adequadas a cada caso que indicie um desfecho de abandono escolar. 	<p>1.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Melhorar a taxa de aprovação no 8º ano, tendo como referência os três anos lectivos anteriores, cumprindo as metas acordadas no contrato do Projecto Turma+. • Aumentar a taxa de conclusão (com os exames incluídos) dos alunos matriculados no 9º ano. • Manter a tendência de superação das médias nacionais nos exames de 9.º ano de Língua Portuguesa e de Matemática. <p>2.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Manter os níveis de sucesso elevado ou aumentar as taxas de sucesso, nas disciplinas sem exame, tendo como referência os três anos lectivos anteriores. • Manter os resultados dos exames acima da média nacional, nas disciplinas em que essa situação tem ocorrido • Elevar as médias das disciplinas que estão abaixo da média nacional. • Elevar a taxa de conclusão do ensino secundário dos alunos que frequentam o 12º ano, tendo como referência os anos anteriores. • Manter / Aumentar a percentagem de alunos dos Cursos Profissionais que concluem todos os módulos de cada ano escolar, tendo como referência os anos lectivos anteriores. <p>3.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Manter a taxa de abandono em níveis residuais, com tendência para 0%, quer no 3º Ciclo do Ensino Básico, quer no Ensino Secundário.

OBJECTIVO 2 – Educar para a cidadania

- Prevenir e combater a indisciplina.
- Desenvolver comportamentos e atitudes que harmonizem as relações interpessoais em geral e na comunidade educativa em particular.
- Formar para a paz, a solidariedade, a defesa dos direitos fundamentais.
- Promover comportamentos e atitudes de vida saudável.
- Promover uma cultura de respeito e responsabilidade no campo da sexualidade.
- Promover o respeito pelo ambiente.
- Promover a participação dos alunos nos órgãos da escola de uma forma activa (Conselho Geral, Conselho Pedagógico e Conselhos de Turma)

Estratégias / Acções	Metas
<p>1 .</p> <p>1.1 Divulgação aos EE e aos alunos, feita pelo Director de Turma no início do ano, dos Direitos e Deveres dos Alunos, bem como das diversas normas de convivência constantes no Regulamento Interno.</p> <p>1.2 Adopção, por parte dos Conselhos de Turma, de normas de conduta semelhantes e consonantes com o estabelecido no Regulamento Interno.</p> <p>1.3 Intervenção de toda a comunidade de adultos, no sentido de alertar sistematicamente para a obrigatoriedade do cumprimento das regras, nomeadamente quando se observam, dentro ou fora de aula, atitudes de desrespeito ostensivo dessas regras.</p> <p>1.4 Intervenção imediata do Professor e/ou do Director de Turma, nos casos de indisciplina.</p> <p>1.5 Colaboração estreita do Director de Turma com as famílias.</p> <p>1.6 Agilização dos procedimentos disciplinares.</p> <p>1.7 Accionamento do apoio dos Serviços de Psicologia e outras estruturas de apoio, sempre que a situação o requeira.</p> <p>1.8 Adopção, por parte do DT, Professores e Funcionários de um papel formativo e de mediação de conflitos.</p> <p>2. Desenvolvimento de projectos e actividades, curriculares e extracurriculares, que promovam a interiorização dos valores de cidadania.</p> <p>2.1 Envolvimento directo dos alunos em todo o processo através de metodologias activas e participativas.</p> <p>3.</p> <p>3.1 Desenvolvimento de projectos e actividades, curriculares e extracurriculares, que promovam hábitos de vida saudável e a educação sexual.</p> <p>3.2 Dinamização do Gabinete de apoio ao aluno.</p> <p>4. Desenvolvimento de projectos e actividades, curriculares e extracurriculares, que promovam a educação ambiental.</p> <p>5. Desenvolvimento de um projecto de tutoria, que vise um melhor acompanhamento e integração de alunos referenciados.</p>	<p>1 .</p> <ul style="list-style-type: none"> • Diminuir os casos de indisciplina, no Básico e no Secundário. <p>2 . Realizar, pelo menos, uma actividade em cada disciplina, promotora de valores de cidadania.</p> <p>3. Envolver todas as turmas em, pelo menos, uma actividade promotora de hábitos de vida saudável / educação sexual por período lectivo, nomeadamente no sentido de assegurar que os alunos identifiquem situações de risco.</p> <p>4 . Envolver todas as turmas em, pelo menos, uma actividade promotora da educação ambiental.</p> <p>5 . Diminuir o abandono escolar e promover comportamentos e atitudes facilitadoras de um bom relacionamento intra e interpessoal.</p>

OBJECTIVO 3 – Educar para a cultura

- Promover o gosto pela leitura.
- Desenvolver a apetência pela procura de bens culturais e artísticos.
- Estimular a criatividade e a expressão através de linguagens estéticas.
- Desenvolver o sentimento de pertença a uma comunidade cultural e linguística.

Estratégias / Acções	Metas
<p>1. <u>Promoção da Leitura</u></p> <p>1.1 Prossecução da acção de promoção da leitura levada a cabo pela Biblioteca e pelo Projecto aLeR+, enquadrado no Plano Nacional de Leitura.</p> <p>1.2 Prossecução do Concurso Literário e do Concurso de Fotografia.</p> <p>2. <u>Cultura e Arte</u></p> <p>Prossecução de projectos geradores de dinâmicas de âmbito cultural e artístico.</p> <p>3. <u>Património</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Aproximação dos alunos ao património histórico e arquitectónico, e a obras artísticas de natureza diversa. <p>4. <u>Valorização estética</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Melhoramento estético das salas de aula. <p>5. <u>Visibilidade</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Visibilidade das actividades culturais e artísticas dos alunos. 	<p>1.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Envolver, pelo menos, 80% das turmas em projectos de promoção da leitura. • Envolver alunos de todos os anos nos concursos literário e de fotografia. <p>2.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Prosseguir / criar projectos e actividades abrangentes em áreas culturais e artísticas, abertos a todos os alunos: <ul style="list-style-type: none"> - cinema - teatro - artes plásticas - música, - escrita criativa - revista da Escola. <p>3.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Realizar visitas de estudo de âmbito cultural em todos os anos de escolaridade. <p>4.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Criar projectos de intervenção estética nas salas de aula. • Expor trabalhos dos alunos nas salas de aula. <p>5.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Realizar exposições e espectáculos abertos à Escola e à comunidade, que permitam aos alunos mostrar as criações artísticas em que intervieram. • Divulgar as actividades culturais e artística na página Web da Escola.

OBJECTIVO 4 – Promover uma Gestão segundo princípios de qualidade, equidade, participação, e defesa da Escola Pública

- Preservar os valores identitários da escola
- Gerir com equilíbrio e eficácia os recursos humanos e materiais
- Criar dinâmicas de envolvimento de toda a comunidade educativa

Estratégias / Acções	Metas
<p>1. <u>Concepção e Planeamento</u></p> <p>1.1 Planeamento racional e com visão prospectiva, de toda a acção educativa, de acordo com os contextos e atendendo às mudanças.</p> <p>1.2 Adequação da oferta educativa às necessidades, interesse e expectativas dos alunos.</p> <p>1.3 Promoção da articulação vertical dos programas.</p> <p>1.4 Decisões com base na auscultação; divulgação das decisões a toda a comunidade; promoção do envolvimento activo da comunidade.</p> <p>1.5 Apoio activo à concretização do PEE e do PAA.</p> <p>1.6 Dinamização da auto-avaliação.</p> <p>1.7 Articulação profícua da Direcção com o Conselho Geral e o Conselho Pedagógico.</p> <p>1.8 Defesa de uma cultura identitária de escola.</p> <p>2. <u>Gestão de Recursos Humanos</u></p> <p>1.1 Optimização dos recursos, cruzando as necessidades da Escola e os perfis dos profissionais.</p> <p>1.2 Actuação segundo princípios de equidade, justiça e transparência nas decisões.</p> <p>1.2 Abertura aos problemas; fomento de um ambiente de confiança e solidariedade.</p> <p>3. <u>Gestão de Recursos Materiais</u></p> <p>1.1 Optimização dos recursos financeiros e materiais e criação de fontes alternativas de financiamento.</p> <p>1.2 Melhoramento das condições físicas da Escola.</p> <p>1.3 Utilização do sistema integrado de contabilidade</p> <p>4. <u>Participação dos Encarregados de Educação</u></p> <p>1.1 Manutenção de uma colaboração estreita com a Associação de Pais e Encarregados de Educação.</p>	<p>1.</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Elaborar atempadamente o mapa organizador do planeamento das actividades anuais, o PAA, as planificações. ▪ Apresentar propostas de oferta curricular atendendo aos interesses e às necessidades dos alunos. ▪ Realizar, pelo menos, uma sessão de trabalho em cada Grupo de Recrutamento com continuidade. Básico/Secundário, para perspectivar a articulação. ▪ Apresentar propostas ao Conselho Pedagógico e aos órgãos de gestão intermédia. ▪ Divulgar, em circulares, por <i>email</i>, na página da Escola, as decisões que envolvem a comunidade educativa. ▪ Promover todos os mecanismos de auto-avaliação trimestral, semestral e anual. ▪ Envolver elementos da Direcção em projectos (Ex: presença de um elemento da Direcção na equipa do aLeR+; ligação directa do Director à Associação de Antigos Alunos). <p>2.</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Elaborar os horários com plena ocupação dos tempos lectivos e não lectivos, segundo as prioridades definidas pelo Conselho Pedagógico, os perfis dos professores e atendendo ao superior interesse dos alunos, segundo princípios de equidade e justiça. ▪ Criar equipas pedagógicas coesas e eficazes para garantir todo o processo educativo. ▪ Suprir carências ao nível dos Funcionários. ▪ Reunir com as estruturas intermédias. <p>3.</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Elaborar prioridades orçamentais numa perspectiva anual e plurianual e sujeitá-las à aprovação do Conselho Geral. ▪ Alertar a tutela para a necessidade de antecipar a inclusão da Escola no programa de requalificação do parque escolar. ▪ Optimizar o sistema integrado de contabilidade. ▪ Promover a modernização administrativa. <p>4.</p> <p>Reforçar a colaboração profícua com a Associação de Pais e Encarregados de Educação.</p>

OBJECTIVO 5 – Promover a valorização profissional e a inovação

- Formação e auto-formação
- Abertura à inovação
- Utilização das TIC

Estratégias / Acções	Metas
<p>1. Formação</p> <p>1.1 Criação de dinâmicas de formação para Professores e Funcionários.</p> <p>1.2 Criação de dinâmicas de auto-formação e formação inter pares na Escola.</p> <p>2. Inovação</p> <ul style="list-style-type: none"> • Abertura à implementação de práticas e projectos inovadores nas diversas áreas. <p>3. Utilização das TIC</p> <p>3.1 Rentabilização da plataforma Moodle.</p> <p>3.2 Optimização do acesso à Internet.</p>	<p>1.</p> <p>1.1 Garantir que todos frequentem uma acção de formação por ano, de pelo menos 25 h.</p> <p>1.2 Realização de, pelo menos, uma acção de formação em cada um dos Departamentos.</p> <p>2 .</p> <ul style="list-style-type: none"> • Promover e/ou aderir, em cada ano lectivo, a projectos que contribuam para a inovação. <p>3.</p> <p>3.1 Aumentar o número de utilizadores da plataforma Moodle e/ou de outras plataformas facilitadoras da comunicação.</p> <p>3.2 Garantir a utilização da Internet em todos os pavilhões e na maioria das salas de aula.</p>

OBJECTIVO 6 – Promover a relação com a comunidade

- Parcerias e Protocolos

Estratégias / Acções	Metas
<p>1. Aposta na celebração de protocolos e parcerias com entidades diversas.</p>	<p>Consolidar/ alargar protocolos e parcerias com órgãos locais, entidades culturais e desportivas, empresas, instituições universitárias e outras, nomeadamente:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Câmara Municipal de Oeiras e Junta de Freguesia - Centro de Saúde - Escola de Música de Nossa Senhora do Cabo - Rede de Bibliotecas Escolares - Plano Nacional de Leitura - Plano da Matemática - Faculdade de Letras, Faculdade de Motricidade Humana, Universidade Nova - Centro de Arte Manuel de Brito - Fundação Cidade de Lisboa - Empresas de Contabilidade e Administração

IV – AVALIAÇÃO do PROJECTO

A avaliação periódica do Projecto Educativo é um elemento fundamental para a sua consecução e inseparável do seu sucesso. Nesse sentido, fica determinado o que a seguir se expõe.

- O Projecto Educativo terá uma vigência de três anos lectivos sequenciais. As metas aqui definidas podem ser ajustadas anualmente, se ocorrerem mudanças substanciais que o justifiquem.
- O Projecto Educativo mantém-se em vigor durante o período da sua revisão e até à aprovação de um novo PEE.
- No final do seu período de vigência, o Conselho Geral procederá à sua avaliação, elaborando o relatório crítico, de acordo com a lei.
- As sugestões para alterações ao Projecto Educativo podem ser apresentadas, aos órgãos competentes, por qualquer dos intervenientes educativos.

V – DISPOSIÇÕES FINAIS

O Projecto Educativo da Escola Secundária Professor José Augusto Lucas é fruto de um percurso e de uma prática colectiva em que nos revemos e que queremos aperfeiçoar. Deve, pois, após a sua discussão e aprovação, ser divulgado junto de toda a comunidade educativa. O seu texto encontrar-se-á para consulta na página da Escola, na Internet e, em papel, nos seguintes locais: Gabinete da Direcção, Biblioteca/Centro de Recursos, Sala de Directores de Turma, Gabinete dos Serviços de Psicologia e Orientação (SPO). A avaliação deve, tal como o projecto, ser conhecida por toda a comunidade educativa.

Escola Secundária Professor José Augusto Lucas, 13 de Outubro de 2010

O Presidente do Conselho Pedagógico,

Carlos Alberto Dias Guerreiro

Escola Secundária Professor José Augusto Lucas, 25 de Novembro de 2010

O Presidente do Conselho Geral,

Augusto Felizardo Guerra